



ISSN on-line: 2238-4170

<http://revistas.es.estacio.br/index.php/gestaocontemporanea>
Gestão Contemporânea, Vila Velha, v.4, n.1, p. 21-31, abr., 2014.

ARTIGO ORIGINAL

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR-EDUCADOR COMO ALTERAÇÃO E FORMATIVIDADE – A INVENÇÃO DE SI

Maria de Lourdes Oliveira Reis da Silva¹

Centro Universitário Estácio da Bahia, Salvador/BA - Brasil

RESUMO – A formação do professor-educador como alteração e formatividade – a invenção de si. Este texto apresenta uma reflexão sobre aspectos da formação do educador como processo de alteração, não somente pela experiência formal e universitária, como também pela convivência com os outros seres igualmente em formação profissional e ao longo da vida. Enfatizando o valor das escolhas, movidas por desejos e crenças que orientam o fazer pedagógico e a própria formação. Trazendo para a reflexão o professor sujeito de sua formação como o Ser que se deixa alterar na experiência de si, consigo mesmo e com os outros na relação social, que compartilha saberes formais e aqueles outros que, por serem nômades, perpassam as experiências e as histórias de vida, enriquecendo-as e potencializando a construção de novos conhecimentos, na invenção de si e dos outros.

Palavras-chave: Formação; Alteração; Formatividade.

ABSTRACT – The training of the teacher-educator as change and formativeness - inventing itself. This paper presents a reflection on aspects of teacher education as the process of change, not only by formal and academic experience, but also by living with other beings also in vocational training and lifelong. Emphasizing the value of choices, driven by desires and beliefs that guide the pedagogical and do their own training. Bringing the reflection of your subject teacher training as the Being who is allowed to change the experience of oneself, with oneself and with others in social relations, informal knowledge sharing and those others which, being nomads, permeate the experiences and life stories, enriching and enhancing the construction of new knowledge, the invention of self and others.

Keywords: Education. Amendment. Formativeness.

¹ Professora do Centro Universitário Estácio da Bahia

1 INTRODUÇÃO

Pensar as aprendizagens do educador ao longo da vida e o processo de alteração que ele vivencia na sua relação com os outros, com seus pares, com os ambientes formativos, é o objetivo deste trabalho de reflexão sobre a itinerância de sujeitos aprendentes, que se manifesta nos atos da vida cotidiana e da vida profissional.

Falar em formação é enveredar por um terreno contestado, já que diferentes concepções, objetivos e perspectivas norteiam a busca por determinado campo de estudo como projeto de vida. Muitos são os fatores que interferem nos processos formativos, seja no campo individual ou coletivo, para os quais são importantes as escolhas, as crenças e as opções teóricas, construídas ao longo das histórias de vida dos sujeitos formadores e formandos em seus processos de aprendizagem/formação.

Portanto, serão feitas reflexões acerca de conhecimentos da formação pedagógica, campo nem sempre restrito à prática docente em instituições de ensino formal. O debate se distingue em termos de formatividade, de um fazer estético, enquanto invenção e arte, pelos seus aspectos políticos e epistemológicos, de abertura conceitual e diversidade metodológica. Tecendo considerações sobre a prática vivencial, bem como sobre suas relações e implicações com as práticas docentes e com as normas institucionais.

2 A PRÁTICA DOCENTE: INVENÇÃO E ARTE

Considerada desde a antiguidade como Arte de ensinar, e sendo a Arte “um tal fazer que, enquanto faz inventa o por fazer e o modo de fazer” (PAREYSON, 2001, p. 26) a prática docente se insere nesse contexto da invenção, criação e reinvenção por excelência, que foge ao controle da objetividade e de verdades absolutas e orientadoras de práticas colonizadas e hermeticamente concebidas.

O professor na condição de intelectual, no seu percurso profissional e formativo é também um artista e um crítico de si e de sua obra, que é o seu fazer pedagógico. Ele se encontra na vivência de uma experiência estética que, na concepção de Pareyson (2001, p. 12) configura-se como “objeto da sua reflexão, o esforço do artista para dirigir, segundo leis ou normas, sua própria atividade e o do crítico para delinear-se um método consciente de leitura e de julgamento”. O professor é um intelectual transformador, que contribui para ressignificar o seu mundo e dos seus alunos, na busca de si e do Outro que está em cada um com quem se relaciona e se faz como presença, como crítico e analista de um contexto onde se movimentam seres singulares que se enriquecem potencializando experiências. “O intelectual é mais do que uma pessoa das letras, ou um produtor e um transmissor de idéias [sic]. Os intelectuais são igualmente mediadores, legitimadores, e produtores de idéias [sic] e de práticas sociais; executam uma função eminentemente política na natureza”² (GIROUX et al [199-?] p. 151).

A concepção da pedagogia como “arte de ensinar” passou por um processo de descrédito conceitual, prático e político, para dar lugar a uma abordagem científica da pedagogia e a uma autonomização dos métodos e estratégias de ensino. Pouco a pouco, o fazer pedagógico foi se instalando como um processo regulado pelas concepções formalistas e tecnicistas, embotando assim, a criatividade e a capacidade dos professores para recriar, produzir, inventar, vivenciar uma *práxis* a partir dos princípios que orientam a sua prática e a observação de outras práticas. Considerar, pois, o ensino como arte, é acentuar o aspecto da formatividade, que singulariza a construção da *práxis* em obra de arte “uma atividade na qual execução e invenção procedem *pari passu*, simultâneas e inseparáveis, na qual o incremento de realidade é constituição de um valor original” (PAREYSON, 2001, p. 26).

Assim como a obra do artista só se apresenta como existente depois de acabada; durante a sua execução foi pensada, concebida e é irrepetível; a prática docente tem

² The intellectual is more than a person of letters, or a producer and transmitter of ideas. Intellectuals are also mediators, legitimators, and producers of ideas and social practices; they perform a function eminently political in nature.

um caminho formativo, inventivo, de produção prático-reflexiva a partir de concepções teóricas que a orientam, mas não tiram a sua originalidade de ser única e irrepetível antes, durante e depois de sua concretização. Portanto, arte de ensinar não é simplesmente copiar modelos, mas pensá-los, ressignificá-los, reconstruí-los em uma experiência sempre nova e construtiva. E, como diz Morin (2003, p. 19-20): “[...] o método não precede a experiência, o método emerge durante a experiência e se apresenta ao final, talvez para uma nova viagem. [...] o método como caminho que se experimenta seguir é um método que se dissolve no caminhar”.

Pensando o método como uma obra, um ensaio e um caminho; e a ação do professor como a do artista, se esta obra-ensaio-caminho está sempre em uma situação de inacabamento, formação e reconstrução, a prática do professor é como a obra no dizer de Morin (2003, p. 18): “Pensar uma obra como ensaio e caminho é empreender uma travessia que se desdobra em meio à tensão entre a fixação e a vertigem”. Não uma vertigem alucinatória, nem uma fixação alienante, mas uma experiência em que a formação atinge o seu nível mais alto de complexidade e de reflexão: a formatividade, um caminho instigante, vivencial, autônomo, compartilhante, inventivo; um fazer com arte, um formar-se para e com o outro. Com a inspiração refletida na concepção de arte de Pareyson, é possível dizer que a avaliação estética da formação pedagógica implica em uma reflexão sobre a ação docente como “*puro êxito*”, realização que se compartilha mas que não se copia, nem se perde de vista o processo da errância³ e da itinerância⁴ desse sujeito em formação.

3 A ALTERAÇÃO COMO ESTÉTICA DA FORMAÇÃO

Formar-se significa ter disponibilidade para *alterar-se* deixando-se *afetar* pelos acontecimentos, pelas emergências do cotidiano, das relações de poder, dos

³ “a errância pressupõe uma certa sensibilidade anterior, ao menos percepções sensibilizadoras, ruídos que instigam a curiosidade” (MACEDO, 2002, p. 76).

⁴ “representa o percurso estrutural de uma existência concreta e inacabada, seja de um sujeito, grupo ou instituição; em um itinerância encontramos uma multiplicidade de itinerários contraditórios” (MACEDO, 2002, p. 76).

contratos afetivos e profissionais, do curso da vida, enfim; sem, contudo, alienar-se, sem perder a dinâmica da auto-preservação, da condição de humanidade. É também conviver com as incertezas, com o imprevisível, com os surpreendentes momentos em que o Ser conhece e desconhece os outros que compartilham consigo o processo de crescimento pessoal e intelectual.

Ao se deixar *afetar* pelos momentos, o Ser dinamiza seu processo de auto/hetero/ecoformação, dando abertura para o tempo da *crisálida*, ressignificando os (pré)conceitos e deixando o germe do novo Ser fluir e empreender outras aventuras formativas. Este processo de formatividade autentica as experiências na espiral do conhecimento, em um processo evolutivo ininterrupto e coerente. Porque a espiral do conhecimento é aberta, dinâmica, movente e representativa da positividade que alimenta os momentos de criação individual e coletiva. E a criação, fruto das experiências com os outros, perpassa todos os momentos da formação, dando lugar para a expressão dos saberes teóricos e os da prática, em interação permanente. Porque criar se dá no ato de compartilhar, trocar, interagir.

Assim é que a *alteração*, como processo de transformação, é resultado de relações entre-com seres singulares que se alteram um na presença do outro ou sem o outro. Como processo essencialmente humano, a formação “pode experimentar também ausências, transgressões, conflitos, confrontos, traições, desejos, ansiedades e pulsões a se manifestarem; não podemos, portanto, desconhecer ou negar seu caráter erótico, autopoético e transgressivo” (MACEDO, 2010, p. 57). Transgredir nem sempre se configura como desacato ao instituído, ao formalizado, mas pode, com a autenticidade de um ato reconstrutivo, se fazer instituinte de novas perspectivas para aprimoramento do Ser e do saber Ser. O caráter erótico e autopoético se manifesta no compromisso com um fazer libidinal, que vem das entranhas de um Ser que se implica com o seu processo etnoformativo, portanto vivencial, de seus saberes e de suas práticas.

Ao longo da vida ou em processos de formação profissional a busca pelo conhecimento se constitui como uma possibilidade para o acesso a novas

percepções, a novos saberes que se perspectivam como processo de apropriação pelo Ser, de algo que está além de si, mas que pode, de acordo com o seu consentimento, fazer parte de seus repertórios em construção a partir de uma atenção consciente e refletida.

Dessa forma, a alteração é um processo implicado com o outro e consigo mesmo, a fim de que o Ser possa preservar a sua identidade, a sua capacidade de criação e de movimentar-se na formação sem perder de vista o seu potencial e as suas qualidades pessoais. Por outro lado, as experiências educativas ao longo da vida não podem ser vistas apenas como atividades, mas sobretudo como momentos, como narrativa das histórias de vida e formação, considerando o que foi *dado ao Ser* como educação. Esse *dado ao Ser* tem implicações com a formação para a sabedoria, que Josso (2004, p. 101-109) analisa situando quatro pontos fundamentais: *busca de si - de nós, busca de felicidade, busca de conhecimento e busca de sentido* – interrelacionados e interdependentes em sinergia com a *atenção consciente*. Atenção consciente e busca de si estão interligados pelo fato de que essa busca parte de uma intenção deliberada.

Para que a busca se evidencie é necessário que o caminhar do Ser seja um investimento da vontade consciente, a partir da atitude reflexiva, com abertura para a percepção do outro, num processo de busca de sabedoria de vida (JOSSO, p. 103). Pode acontecer, entretanto, de o Ser se apropriar do que lhe é dado a conhecer, simplesmente, sem um esforço maior para alcançar outros patamares ou sair em busca de novas oportunidades, superando obstáculos e situações adversas. Como pode também, deixar passar as oportunidades, mantendo-se à margem do que lhe é oferecido.

Nesse processo de viver do Ser, busca pode ser confundida com desejo, sem um saber-viver que retrate uma construção de si ao longo da vida, compatível com as aspirações e idealizações que são formadas como pensamento desejante, sem configurar-se como ato que potencializa e realiza a formação nos três níveis: auto, eco e heteroformação. Ainda assim, nenhum Ser passa pela vida sem que tenha sido afetado pelas relações sociais, interpessoais e pelos acontecimentos do

cotidiano. Mesmo sem uma ação consciente para a busca de si e do conhecimento, o Ser se forma, se (con)forma e se altera, na relação com o meio onde vive, em constante interação com o antes e o depois desse Ser. Considerando o profissional da educação, ele se forma em um curso de licenciatura e no próprio ato do seu fazer no desempenho de suas funções, por escolha, busca e auto-superação. Também por imposição do próprio ambiente que se configura como definidor de atos formativos e de meios de sobrevivência profissional.

A qualidade e importância dessa formação será definida pelas escolhas do Ser. Se foi uma “*busca de si*” e do “*conhecimento*” para além do que lhe foi dado é possível considerar e pensar em uma formação com “*atenção consciente*”, em que a “*busca de sentido*” para as ações foi fundamental no processo de formação e completa o ciclo do conhecimento na “*busca de felicidade*”. Temos então, um ser realizado em seu ciclo de *formação-alteração*, que pode ser representado pela espiral do *conhecimento-formativo*, que se pode também interpretar como formatividade.

O conceito de formatividade imprime ao ato formativo uma *estética-poética* da transformação, no sentido de que o Ser se altera no próprio ato de *conhecer-interpretar* consigo e para além de si. Assim é que o Ser toma consciência de sua realidade, de suas conquistas, de seu lugar no mundo, porque *Ele* é sua própria *obra de arte*. Porque “a obra de arte se faz por si mesma e, no entanto, é o artista quem a faz” (PAREYSON, 1993, p. 11). E nessa constituição imaginária de si, *Ele* se relaciona com *outros*, com situações, com processos, movimenta-se, altera-se, forma-se. E nesse formar-se, a arte do fazer-se não está subordinada puramente a exigências externas, mas a uma busca de alteração intrínseca que valoriza o Ser em si, para si e para os outros. Isto significa uma autonomia do formar-se, em constante movimento.

A experiência, as experiências de vida de um indivíduo são formadores na medida em que, *a priori* ou *a posteriori*, é possível explicitar o que foi aprendido (iniciar, integrar, subordinar), em termos de capacidade, de saber-fazer, de saber pensar e de saber situar-se. O ponto de referência das aquisições experienciais redimensionam o lugar e a importância dos percursos educativos certificados na formação do aprendente, ao

valorizarem um conjunto de atividades, de situações, de relações, de acontecimentos, como contextos formadores (JOSSO, 2004, p. 234-235).

Para tanto, enfatiza a autora, o indivíduo em processo de formação precisa desenvolver a capacidade para avaliar e relatar as suas aprendizagens, aprendendo a efetuar “transferências” de situações vivenciadas no passado para o momento presente e descartar outras. Este descarte precisa ser definido por uma decisão consciente, resultado da reflexão que orienta as escolhas por ordem de importância para a formação.

O fazer pedagógico como ato político se insere também no âmbito das experiências formativas de sujeitos críticos, que conseguem conceber a provisoriedade das “verdades” engendradas nos processos formativos ao longo da vida. Porque a formação do profissional se dá irremediavelmente vinculada à vida pessoal, ao desenvolvimento humano e social. Ao desenvolver a capacidade para utilizar o conhecimento como via de acesso para novas elaborações, o Ser em evolução se distingue de seus pares e a eles se associa, para olhar o mundo a partir de reflexões sobre si, suas itinerâncias e suas errâncias; valendo-se das relações de poder para empreender a auto/hetero/ecoformação.

Para Foucault (2001, p. 56) esse Ser que se movimenta com outros é “sujeito de ação instrumental, sujeito de relações com outro, sujeito de comportamentos e de atitudes em geral, sujeito também de relações consigo mesmo. É enquanto se é esse sujeito, este sujeito que se serve, que tem essa atitude, que tem esse tipo de relações... que deve vigiar a si próprio”. Assim, o professor, por escolha ou por contingência, movimenta-se para atender ao convite do seu mundo e buscar uma formação considerada adequada ao exercício da profissão, como sujeito híbrido, em uma aventura que se faz ao mesmo tempo fascinante e desconcertante. Entretanto, não deve perder de vista as emergências do Ser como intelectual, capaz de inovar e reinventar a sua prática a partir da reflexão sobre o seu fazer docente na relação com esses outros que conjugam ao mesmo tempo força e fragilidade. O professor, em seu processo de formação ao longo da vida é um inventor de si, que pode traçar um percurso itinerante, criativo, autopoético ou alienante.

A descoberta de si deu-se inicialmente com a literatura, para logo a seguir com a psicologia e a psicanálise. Nos séculos XV e XVI surgem os auto-retratos, forma que os pintores encontraram para chamar a atenção sobre si e vender seus quadros. A valorização da imagem de si como forma de se fazer ver, sentir e compreender, talvez, pela sociedade e, principalmente pela classe dominante (AVANCINI, 2006, p. 119-123). As narrativas de si “tanto um fenômeno quanto uma abordagem de investigação-formação [...] O cotidiano humano é, sobremaneira, marcado pela troca de experiências, pelas narrativas que ouvimos e que falamos, pela forma como contamos as histórias vividas” (SOUSA, 2006, p. 136).

4 CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS

Aprender, conhecer, compreender, momentos de um processo de vida que tem início no próprio nascimento e se dão como possibilidades de adaptação a um mundo que o Ser encontra organizado, mas em constante processo de mudanças e de atualizações. Se configuram, portanto, como atos formativos e dinâmicos, uma vez que o Ser busca a sua adaptação ao longo da vida, considerando os seus ideários e os seus valores, trazidos para a vida adulta como resultados de suas experiências.

As narrativas contribuem para uma compreensão sobre o processo histórico da formação docente e suas relações com a vida pública e privada dos profissionais, numa busca de identificação da formação ao longo da vida com a prática pedagógica. Evocar seus mestres, aqueles que mais influenciaram na formação, faz parte da vida de todo profissional que elege modelos de eficiência ou guardam sentimentos de gratidão pelo que conseguiram angariar de conhecimentos a partir da relação com eles. Dessa forma, a invenção de si na educação ultrapassa os limites da simples narrativa para adquirir matizes de formação ao longo da vida a partir das relações consigo e com outros.

As relações consigo, com o outro e com o contexto contribuem para a formação, a partir da dinâmica das relações sócio-educativo-formativas que se expressam e se desenvolvem em ambientes diferenciados de formação e de desenvolvimento de competências, construção de valores éticos e estéticos que orientam a prática docente, para a formação de outros sujeitos – os alunos.

REFERÊNCIAS

AVANCINI, José Augusto. Rembrant e a invenção de si: seus auto-retratos são um percurso autobiográficos? In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS:EDUNEB, 2006.

FOUCAULT, Mechel. **L'herméneutique du suget**. Paris: Gallimard, Seuil, 2001.

Giroux, Henry A.; Shumway, David; Smith, Paul; Sosnoski, James. The Need for cultural Studies. In: GIROUX, Henry A. **Teachers as Intellectuals: Toward a Critical Pedagogy of Learning**. Critical Studies in Education Series, [199-?].

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Tradução José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Compreender/mediar a formação: o fundante da educação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2010.

_____. **Chrysallís, currículo e complexidade: a perspectiva crítico-multirreferencial e o currículo contemporâneo**. Salvador: Edefba, 2002.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emílio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. Tradução Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2003.

PAREYSON, L. **Estética**. Teoria da formatividade. Vozes, 1993.

_____. **Os problemas da estética**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997-2001.

SOUZA, Elizeu Clementino. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS:EDUNEB, 2006.